
ENSINO FUNDAMENTAL – 3º ANO – HISTÓRIA VOLUME ÚNICO

Apostila do 3º ano do Ensino Fundamental, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



HISTÓRIA



AULA 03

CULTURA: O QUE É, COMO SE FORMA E COMO SE DESENVOLVE



palavra **cultura** vem do latim *colere*, que significa “cultivar”, “cuidar”, “desenvolver”. Assim como alguém cultiva a terra para que ela produza bons frutos, o ser humano também “cultiva” a sua vida, seus costumes e sua sociedade.

Por isso, cultura é tudo aquilo que o homem desenvolve ao longo do tempo: seus hábitos, costumes, conhecimentos, formas de viver, de pensar, de trabalhar e de se relacionar com Deus e com os outros.

A cultura não nasce pronta. Ela é construída pouco a pouco, ao longo das gerações, por meio daquilo que os homens aprendem, vivem e transmitem.

OS ELEMENTOS PRINCIPAIS DA CULTURA

Uma cultura se forma principalmente a partir de três grandes elementos, que podemos chamar de “motores da sociedade”:

- **Arte**
- **Moral**
- **Religião**

Esses três elementos orientam a vida do homem e dão forma à sociedade.

A **arte** inclui tudo aquilo que expressa a criatividade humana: a arquitetura das casas e cidades, as roupas, as músicas, as pinturas e até o trabalho e as profissões.

A **moral** está ligada à capacidade de distinguir o bem do mal. Quando uma sociedade valoriza o bem, ela desenvolve bons hábitos, chamados virtudes. Quando valoriza o mal, acaba formando vícios, que prejudicam tanto a pessoa quanto a sociedade.

A **religião** é o elemento mais profundo da cultura, pois orienta todos os outros. Ela responde às perguntas mais importantes da vida: quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Por isso, a religião influencia os costumes, as leis, as tradições e até o modo de viver de um povo.

A FORMAÇÃO DA CULTURA

A cultura se forma ao longo do tempo, a partir da vida em sociedade.

O ser humano é um ser social, ou seja, ele precisa viver com outros para se desenvolver. Desde pequeno, ele aprende com a família, com a comunidade e com a tradição aquilo que deve fazer, como deve agir e no que deve acreditar.

Assim, a cultura é transmitida de geração em geração. Aquilo que os pais ensinam aos filhos, que os mais velhos ensinam aos mais novos, vai sendo preservado, formando a identidade de um povo.



Além disso, o trabalho também é fundamental na formação da cultura. Ao transformar a natureza — construindo casas, cidades, instrumentos e tecnologias — o homem também constrói a sua própria cultura

○ DESENVOLVIMENTO DA CULTURA

Uma cultura pode se desenvolver de maneira boa ou ruim, dependendo dos princípios que a orientam.

Quando uma sociedade busca a verdade, o bem e a beleza, sua cultura cresce de forma saudável e elevada. As pessoas vivem melhor, desenvolvem virtudes e contribuem para o bem comum.

Por outro lado, quando uma sociedade se afasta da verdade e passa a valorizar o erro e o vício como algo normal, sua cultura entra em decadência. Aos poucos, perde sua força, sua identidade e pode até cair em um estado de desordem.

Por isso, é essencial que uma cultura esteja baseada em princípios verdadeiros, que orientem corretamente a vida humana.

O QUE FAZ PARTE DA CULTURA

A cultura está presente em muitos aspectos da vida de um povo, como:

- a língua que se fala;
- as roupas que se usam;
- os alimentos e a forma de se alimentar;
- as tradições e as festas;
- a religião;
- os valores morais;
- a organização da sociedade;
- as formas de trabalho;
- as artes e as construções.

Cada povo desenvolve esses elementos de maneira própria, mas todos fazem parte daquilo que chamamos de cultura.

EXEMPLOS DE CULTURA

CULTURA BRASILEIRA

A cultura brasileira é resultado da formação histórica do país. Ela reúne influências indígenas, africanas e europeias.

Podemos ver isso:

- na **língua portuguesa**, herdada de Portugal;
- na **culinária**, com alimentos como feijão, mandioca e pratos típicos;
- nas **festas**, como as festas juninas e o carnaval;
- nas **tradições religiosas**, de origem católica trazidas pelos portugueses.



Essa mistura deu origem a uma cultura rica e diversa, com muitos costumes e expressões diferentes.

CULTURA CATÓLICA

A cultura católica está profundamente ligada à fé e à tradição da Igreja.

Ela se manifesta:

- nas **Igrejas e Catedrais** (arte e arquitetura);
- nas **festas religiosas**, como o Natal e a Páscoa;
- nos **valores morais**, como a busca pela virtude, pela caridade e pela verdade;
- nos **costumes**, como a oração, os sacramentos e a vida espiritual.



A religião, nesse caso, orienta toda a vida cultural, influenciando os hábitos, as tradições e a organização da sociedade.

CONCLUSÃO

A cultura é tudo aquilo que o homem cultiva em sua vida pessoal e social. Ela se forma ao longo do tempo, é transmitida entre as gerações e está presente em todos os aspectos da vida.

Ela depende da arte, da moral e, principalmente, da religião, que orienta os demais elementos.

Quando bem fundamentada, a cultura ajuda o homem a crescer, a viver melhor em sociedade e a caminhar em direção ao seu verdadeiro fim: a felicidade.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.

2. Quais são os três principais elementos que formam a cultura e qual é a função de cada um deles?
3. O que acontece com uma cultura quando ela se afasta da verdade, do bem e da beleza?



AULA 08

A CONTAGEM DOS SÉCULOS



o estudar a História, não basta apenas conhecer os anos em que os acontecimentos ocorreram. Também é muito importante saber localizar esses fatos em séculos, pois os séculos ajudam a organizar melhor o tempo histórico e permitem compreender com mais clareza em que época determinado fato aconteceu.

Um século é um período de cem anos. Assim, quando dizemos “um século”, estamos falando de um conjunto de cem anos seguidos.

Por exemplo:

- 1 século corresponde a 100 anos;
- 2 séculos correspondem a 200 anos;
- 3 séculos correspondem a 300 anos.

Essa forma de dividir o tempo é muito útil porque ajuda os historiadores a reunir acontecimentos de uma mesma época e a comparar diferentes períodos da História.

OS NÚMEROS ROMANOS E SUA RELAÇÃO COM OS SÉCULOS

Os séculos normalmente não são escritos com os números que usamos no dia a dia, como 1, 2, 3 ou 20. Em História, é muito comum escrever os séculos com números romanos.

Os números romanos são um sistema de numeração usado na Roma Antiga. Até hoje eles continuam sendo utilizados em alguns contextos, como nos nomes de reis e papas, em capítulos de livros, em relógios e, especialmente, na indicação dos séculos.

Os principais símbolos são:

I = 1

V = 5

X = 10

L = 50

C = 100

D = 500

M = 1000

Na contagem dos séculos, usamos, principalmente, os símbolos I, V e X; não nos dedicaremos ao estudo dos outros números romanos agora.

Assim, quando lemos:

- século I, estamos lendo século 1;
- século V, estamos lendo século 5;
- século X, estamos lendo século 10;
- século XV, estamos lendo século 15;
- século XXI, estamos lendo século 21.

Por isso, para estudar História com segurança, é muito importante aprender a reconhecer os números romanos mais comuns.

COMO OS NÚMEROS ROMANOS SÃO FORMADOS

Para entender melhor a escrita dos séculos, é útil saber como os números romanos são construídos.

Quando um símbolo aparece repetido, somamos os valores:

- II = 2
- III = 3
- XX = 20

Quando um símbolo menor aparece antes de um símbolo maior, fazemos uma subtração:

- IV = 4
- IX = 9
- XIV = 14
- XIX = 19

Quando o símbolo menor aparece depois do maior, fazemos uma soma:

- VI = 6
- XI = 11
- XV = 15
- XXI = 21

Por isso, ao encontrar um século escrito em números romanos, é necessário fazer essa leitura com atenção.

COMO OS SÉCULOS SÃO ORGANIZADOS

A organização dos séculos costuma causar estranheza no começo, porque ela não segue exatamente o modo como costumamos olhar para os anos.

A contagem dos séculos começa no ano 1, e não no ano 0. Isto significa que o século I vai do ano 1 ao ano 100. Depois dele, começa o século II, que vai do ano 101 ao 200. Em seguida vem o século III, que vai do ano 201 ao 300, e assim por diante.

Portanto:

- do ano 1 ao 100 = século I
- do ano 101 ao 200 = século II
- do ano 201 ao 300 = século III
- do ano 301 ao 400 = século IV
- do ano 401 ao 500 = século V

E assim sucessivamente.

POR QUE EXISTE TANTA CONFUSÃO

A dificuldade surge porque muitas pessoas olham para o número do ano e tentam descobrir o século apenas pelos primeiros algarismos, sem considerar a regra completa.

Por exemplo, ao ver o ano 1450, alguém pode pensar rapidamente: “começa com 14, então deve ser século XIV”. Mas isso está errado. O ano 1450 pertence ao século XV.

Essa confusão acontece porque o nome do século não indica os primeiros números do ano, mas sim qual grupo de cem anos aquele ano está completando.

O século I corresponde aos primeiros cem anos. O século II corresponde aos segundos cem anos. O século III corresponde aos terceiros cem anos. Por isso, a lógica não é imediata para quem está começando.

Outro ponto que confunde bastante é quando o ano termina em 00, como 1500, 1800 ou 1900. Nesses casos, muita gente fica em dúvida se deve avançar para o século seguinte ou não.

Na verdade, esses anos são justamente o último ano do século, e não o primeiro do próximo.

Por exemplo:

- o ano 1500 é o último ano do século XV;
- o século XVI só começa em 1501.

COMO DESCOBRIR A QUE SÉCULO UM ANO PERTENCE

Existem duas maneiras principais de descobrir o século de um ano: pela lógica dos intervalos ou por uma regra prática de cálculo.

Descobrimos pela lógica:

A maneira mais segura, especialmente para quem está aprendendo, é observar em qual grupo de cem anos o ano se encontra.

Veja alguns exemplos:

- ano 80: está entre 1 e 100 → século I
- ano 170: está entre 101 e 200 → século II
- ano 250: está entre 201 e 300 → século III
- ano 476: está entre 401 e 500 → século V
- ano 1492: está entre 1401 e 1500 → século XV
- ano 1789: está entre 1701 e 1800 → século XVIII
- ano 2026: está entre 2001 e 2100 → século XXI

Essa forma ajuda o estudante a perceber a lógica da organização do tempo histórico.

Descobrimos pela regra prática:

Depois de entender a lógica, é possível usar uma regra mais rápida.

Quando não termina em 00:

Retiramos os dois últimos algarismos e somamos 1 ao número que sobra.

Por exemplo:

- 476 → tirando os dois últimos algarismos, sobra 4; somando 1, temos 5 → século V
- 1453 → tirando os dois últimos algarismos, sobra 14; somando 1, temos 15 → século XV
- 1789 → tirando os dois últimos algarismos, sobra 17; somando 1, temos 18 → século XVIII
- 2026 → tirando os dois últimos algarismos, sobra 20; somando 1, temos 21 → século XXI

Quando termina em 00:

Nesse caso, não se soma 1. Basta retirar os dois últimos algarismos.

Por exemplo:

- 100 = século I
- 200 = século II
- 500 = século V
- 1500 = século XV
- 1800 = século XVIII
- 1900 = século XIX
- 2000 = século XX

Isso acontece porque esses anos estão encerrando aquele século.

E OS SÉCULOS ANTES DE CRISTO?

Os séculos antes de Cristo seguem uma lógica parecida, mas com uma diferença importante: os anos a.C. são contados de forma decrescente, aproximando-se do nascimento de Cristo.

Assim:

- do ano 100 a.C. ao 1 a.C. = século I a.C.
- do ano 200 a.C. ao 101 a.C. = século II a.C.
- do ano 300 a.C. ao 201 a.C. = século III a.C.

Exemplos:

- 44 a.C. = século I a.C.
- 330 a.C. = século IV a.C.
- 753 a.C. = século VIII a.C.

Portanto, também antes de Cristo os séculos são formados por blocos de cem anos, mas caminhando em direção ao nascimento de Cristo.

CONCLUSÃO

A contagem dos séculos é uma maneira de organizar o tempo histórico em blocos de cem anos. No começo, ela pode parecer difícil, porque não basta olhar rapidamente para o ano; é preciso entender em qual grupo de cem anos ele está.

Por isso, é importante compreender três coisas: o que é um século, como os números romanos são usados para escrevê-lo e como descobrir a qual século pertence cada ano.

Quando essa lógica é bem entendida, torna-se muito mais fácil localizar acontecimentos, comparar épocas e acompanhar a passagem do tempo na História. Assim, o estudo histórico fica mais claro e mais organizado.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.
2. O que é um século e por que ele é importante para organizar o tempo histórico?
3. Quais os principais números romanos utilizados para escrever os séculos?
4. A que século pertencem os anos a seguir:
 - a) 27
 - b) 115
 - c) 899
 - d) 1204

e) 1500

f) 1917

g) 2000



AULA 11

OS POVOS SUMÉRIOS E A INVENÇÃO DA ESCRITA



s **sumérios** foram um dos povos mais antigos da História e viveram na região da **Mesopotâmia**, especialmente na parte sul, chamada **Suméria**. Essa região localizava-se entre os rios **Tigre** e **Eufrates**, em uma terra fértil que favoreceu o surgimento das primeiras aldeias, das primeiras cidades e de uma vida social mais organizada.

Os sumérios são muito importantes porque fizeram parte das **primeiras civilizações da humanidade**. Eles viveram em cidades como **Ur**, **Uruk**, **Lagash** e **Eridu**, que não formavam um único país, mas eram **cidades-estados**, isto é, cada cidade tinha seu próprio governo, suas leis, seu chefe e sua organização. Em geral, essas cidades eram governadas por uma autoridade local, que era o rei e que, também, tinha funções religiosas.



Sumérios.

A vida dos sumérios estava muito ligada à agricultura. Como viviam em uma região banhada por grandes rios, aprenderam a aproveitar a água para cultivar a terra. Criaram

canais de irrigação, abriram caminhos para levar a água às plantações e conseguiram produzir alimentos em maior quantidade. Isso permitiu o crescimento da população e o aumento das cidades.

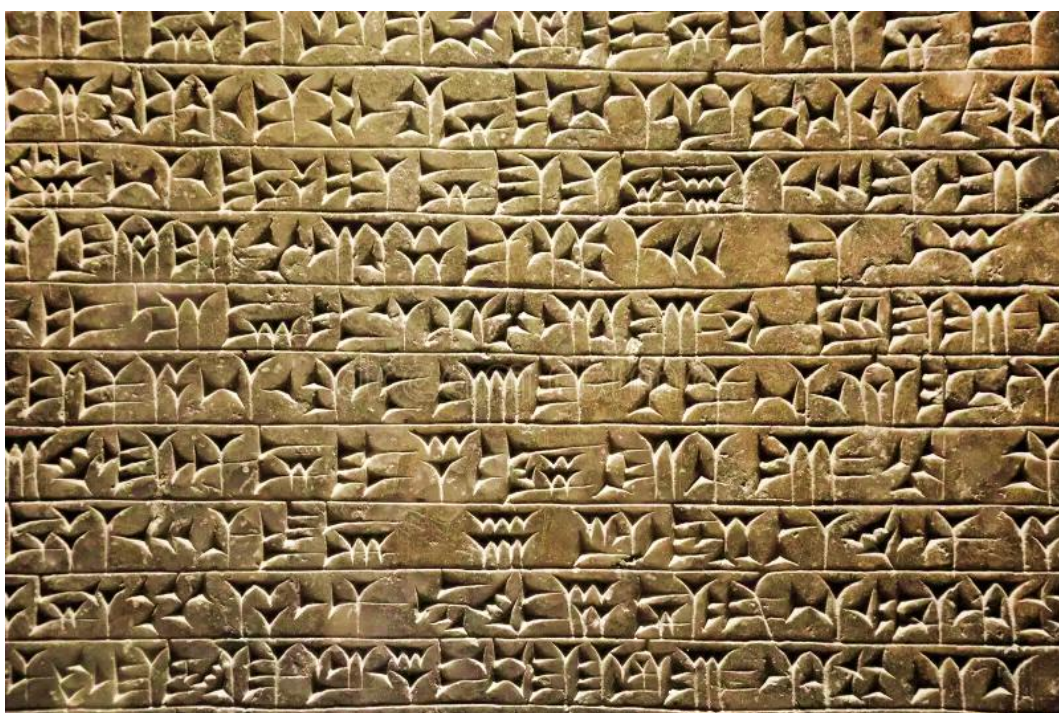
Além da agricultura, os sumérios também desenvolveram várias técnicas importantes. Construíam casas com junco, caniço e barro, faziam embarcações, produziam objetos de luxo, instrumentos musicais e realizavam trocas comerciais. Sua vida social foi ficando cada vez mais complexa, com agricultores, artesãos, comerciantes, sacerdotes e governantes.

Mas uma das maiores contribuições dos sumérios para a História foi, sem dúvida, a **invenção da escrita**.

A INVENÇÃO DA ESCRITA

Com o crescimento das cidades e do comércio, os sumérios passaram a precisar de um meio mais seguro para **registrar informações**. Era necessário anotar produtos, acordos, impostos, trocas comerciais, propriedades, leis e acontecimentos importantes. Apenas confiar na memória ou na tradição oral já não era suficiente para uma sociedade que estava se tornando mais organizada e complexa.

Foi nesse contexto que surgiu a escrita suméria, chamada de **escrita cuneiforme**.



Ela recebeu esse nome porque seus sinais eram feitos em forma de pequenas marcas parecidas com cunhas. Os sumérios escreviam geralmente em **tábuas de argila úmida**, usando um instrumento pontudo. Depois, a argila podia secar ou ser cozida, preservando a escrita.

No começo, essa escrita era mais simples e servia, principalmente, para registrar questões práticas, como contagem de produtos e controle de mercadorias. Com o tempo,

ela foi ficando mais desenvolvida e passou a ser usada para escrever textos religiosos, leis, relatos, contratos e outros registros.

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA

A invenção da escrita foi um momento decisivo na história da humanidade. Isto porque ela permitiu que os homens deixassem registros mais duradouros de sua vida, de suas ideias e de sua organização social.

Antes da escrita, muitas coisas dependiam apenas da memória das pessoas e da transmissão oral. Com a escrita, tornou-se possível:

- registrar acordos e contratos;
- anotar leis e decisões;
- organizar melhor a administração das cidades;
- conservar relatos e tradições;
- transmitir conhecimentos com mais precisão.

Por isso, a escrita foi essencial para o desenvolvimento das primeiras civilizações. Ela ajudou os governantes a administrar melhor as cidades, os comerciantes a registrar suas trocas e os sacerdotes a conservar seus ritos e tradições.

Além disso, a invenção da escrita é tão importante que costuma ser considerada um dos marcos que separam a **Pré-História** da **História**. Isso acontece porque, com a escrita, passamos a ter registros mais claros e permanentes sobre a vida dos povos antigos.

OS SUMÉRIOS E SEU LEGADO

Os sumérios não foram importantes apenas por terem vivido em uma das primeiras regiões urbanizadas do mundo, mas porque ajudaram a lançar bases para muitos aspectos da vida civilizada. Desenvolveram cidades organizadas, técnicas agrícolas, comércio, construções religiosas e, sobretudo, a escrita.

Mais tarde, outros povos da Mesopotâmia, como os **acadianos** e os **babilônios**, adotaram e difundiram a escrita cuneiforme criada pelos sumérios. Assim, essa invenção não ficou limitada a um único povo, mas influenciou várias civilizações do mundo antigo.

CONCLUSÃO

Os sumérios foram um povo muito antigo e muito importante da Mesopotâmia. Vivendo entre os rios Tigre e Eufrates, organizaram cidades, desenvolveram a agricultura, o comércio e diversas técnicas.

Sua maior contribuição para a História foi a invenção da **escrita cuneiforme**, que permitiu registrar a vida humana de forma mais permanente e organizada. Graças a essa invenção, tornou-se possível conservar informações, administrar melhor as cidades e transmitir conhecimentos ao longo do tempo.

Por isso, ao estudar os sumérios, estudamos não apenas um povo antigo, mas também um dos grandes começos da civilização humana.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.
2. O que eram as cidades-estados sumérias e como elas eram organizadas?
3. Por que surgiu a necessidade da invenção da escrita entre os sumérios?
4. Como era a escrita cuneiforme e por que ela foi tão importante para a História?



AULA 14

A GRÉCIA ANTIGA



Grécia Antiga foi um dos povos mais importantes da História, sobretudo por sua grande contribuição cultural. Ao estudar os gregos, conhecemos uma civilização que influenciou profundamente a maneira como pensamos, organizamos a sociedade, produzimos arte e buscamos a verdade.

Os gregos chamavam a si mesmos de helenos, e sua terra de Hélade. Viviam em uma região montanhosa, cheia de ilhas e recortes no litoral. Essa geografia dificultava a formação de um único reino e favoreceu o surgimento de várias cidades independentes, chamadas pólis.

A VIDA NAS CIDADES-ESTADOS (PÓLIS)

A principal característica da vida grega era a organização em cidades-estados. Cada pólis possuía suas próprias leis, governo, costumes e modo de vida.



Ilustração – Os povos gregos.

Essas cidades eram mais do que simples lugares de moradia: eram pequenas comunidades completas, onde o homem vivia sua vida social, política e religiosa. A vida na pólis era muito valorizada, e os gregos tinham forte ligação com sua cidade.

A participação na vida da cidade era vista como algo importante. O homem não era pensado como alguém isolado, mas como parte de uma comunidade.

DIFERENTES MODOS DE VIDA: ESPARTA E ATENAS

Embora compartilhassem uma cultura comum, as cidades gregas tinham estilos de vida diferentes. Vejamos o exemplo de duas cidades-estado gregas bem diferentes:

Esparta era uma sociedade voltada para a disciplina e a vida militar. A educação era rígida, e os cidadãos eram formados para a guerra, a obediência e o serviço à cidade.



O espartano.



Atenas.

Atenas, por outro lado, destacou-se pela vida intelectual, artística e política. Os atenienses valorizavam o conhecimento, o debate, a educação e a participação na vida pública.

Essas diferenças mostram como, dentro de uma mesma cultura, podiam existir formas diversas de organizar a vida em sociedade.

A CULTURA GREGA

A cultura grega é um dos maiores legados da humanidade. Os gregos se destacaram em várias áreas, buscando compreender o mundo, o homem e a verdade.

A FILOSOFIA

Os gregos foram pioneiros no desenvolvimento da filosofia, isto é, na busca racional pela verdade. Eles procuravam compreender questões como:

- o que é o homem;
- o que é a justiça;
- qual é o sentido da vida;
- como devemos viver.

Entre os grandes filósofos estão Sócrates, Platão e Aristóteles, cujas ideias influenciam até hoje o pensamento ocidental.



Platão (à esquerda) e Aristóteles (à direita). Platão aponta para o “mundo das ideias” e Aristóteles aponta para baixo, para a natureza criada.

O TEATRO

Os gregos criaram o teatro, especialmente a tragédia e a comédia. Suas peças abordavam temas profundos da vida humana, como sofrimento, destino, orgulho, erro e responsabilidade.

O teatro não era apenas diversão, mas também um meio de refletir sobre a vida e os valores humanos.

A ARTE E A ARQUITETURA

A arte grega buscava harmonia, equilíbrio e beleza. Suas esculturas e construções revelam grande cuidado com as proporções e a forma.

Templos como o Partenon são exemplos dessa busca pela ordem e pela perfeição. Essa visão estética influenciou profundamente a arte do mundo ocidental.



Partenon.

A HISTÓRIA E O CONHECIMENTO

Os gregos também deram importantes passos na escrita da História, buscando narrar e compreender os acontecimentos humanos. Além disso, desenvolveram conhecimentos em diversas áreas, sempre movidos pelo desejo de entender a realidade.

A RELIGIÃO GREGA

A religião dos gregos era politeísta, ou seja, acreditavam em muitos deuses. Esses deuses eram representados na forma humana e estavam ligados à natureza, aos sentimentos e à vida cotidiana.

A religião estava presente em muitos aspectos da vida: nas festas, nos jogos, nos templos e nas decisões da comunidade. Os gregos também criaram muitos mitos, buscando explicar a origem do mundo e dos fenômenos da natureza.

Essa religiosidade revela um desejo de compreender o mundo e o divino, embora estivesse impregnada com erros, por não possuir a verdadeira Revelação.

A EXPANSÃO DA CULTURA GREGA

Mesmo quando as cidades gregas perderam sua autonomia, sua cultura continuou a se espalhar. Isso aconteceu, especialmente, com as conquistas de Alexandre, que levaram a cultura grega para diversas regiões.

Assim, a cultura grega ultrapassou os limites da Grécia e influenciou muitos povos, formando o chamado mundo helenístico.

CONCLUSÃO

A Grécia Antiga não se destacou por formar um grande império unificado, mas pela riqueza de sua cultura e pela profundidade de seu pensamento.

Os gregos valorizavam a vida em comunidade, o conhecimento, a arte, a reflexão e a participação na vida pública. Seu modo de viver e de pensar influenciou profundamente a civilização ocidental.

Por isso, estudar a Grécia é conhecer uma das principais raízes do modo de pensar, viver e organizar a sociedade que encontramos até hoje.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.
2. O que eram as pólis?
3. Quais eram as principais diferenças entre Esparta e Atenas?
4. Em quais áreas os gregos mais se destacaram culturalmente e qual era o objetivo da filosofia?



AULA 20

A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO



queda do Império Romano do Ocidente foi um dos acontecimentos mais importantes da História que marca o fim da Idade Antiga e o Início da Idade Média. Ela não aconteceu de forma repentina, mas foi o resultado de um longo processo de enfraquecimento interno e de pressões externas, especialmente das invasões dos povos chamados “bárbaros”.

Durante muitos séculos, Roma foi a maior potência do mundo antigo. Seu império era vasto, bem-organizado e sustentado por um forte exército, leis estruturadas e uma administração eficiente. No entanto, com o passar do tempo, começaram a surgir diversos problemas que enfraqueceram essa grande civilização.

Entre esses problemas estavam as crises políticas, com disputas constantes pelo poder, imperadores fracos ou instáveis e até assassinatos frequentes. Havia, também, dificuldades econômicas, como o aumento de impostos, a diminuição do comércio e o empobrecimento da população.

Outro problema importante foi o enfraquecimento do exército romano. Com o tempo, Roma passou a depender cada vez mais de soldados estrangeiros, muitos deles vindos dos próprios povos bárbaros. Isso diminuía a unidade e a fidelidade das tropas.

QUEM ERAM OS BÁRBAROS?



Os romanos chamavam de “bárbaros”, todos os povos que viviam fora das fronteiras do Império e que não partilhavam da cultura romana. Esse termo não significava, necessariamente, que esses povos eram selvagens ou inferiores, mas indicava que eram estrangeiros, com costumes, línguas e tradições diferentes.

Entre esses povos estavam os germanos (como os visigodos, ostrogodos, vândalos, francos e lombardos), além de outros grupos, como os hunos. Eles viviam, em geral, em tribos, tinham uma organização mais simples e valorizavam muito a guerra e a liderança dos chefes militares.

Muitos desses povos já mantinham contato com Roma, seja por meio do comércio, seja como aliados militares. Alguns até serviam no exército romano. No entanto, com o tempo, começaram a atravessar as fronteiras do Império em grandes grupos.



AS INVASÕES BÁRBARAS

A partir do século IV, as invasões tornaram-se mais intensas. Um dos fatores que contribuíram para isso foi a pressão de outros povos, como os hunos, que avançavam sobre a Europa e empurravam os germanos em direção ao território romano.

Inicialmente, muitos desses povos não queriam destruir Roma, mas, sim, entrar no Império para viver em suas terras. No entanto, a incapacidade dos romanos de controlar a situação levou a conflitos e guerras.

Um dos episódios mais marcantes foi o saque de Roma pelos visigodos no ano de 410. Pela primeira vez em séculos, a cidade de Roma foi invadida e saqueada por um povo estrangeiro, o que causou grande impacto e medo em todo o mundo romano.

Mais tarde, outros povos também invadiram territórios do Império. Os vândalos tomaram o norte da África e saquearam Roma novamente em 455. Os hunos, liderados por Átila, atacaram diversas regiões da Europa. Aos poucos, o território romano foi sendo dividido e ocupado por diferentes povos bárbaros.



Átila, o Huno.

O FIM DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE

O momento simbólico da queda do Império Romano do Ocidente, ocorreu no ano de 476 d.C. Nesse ano, o chefe bárbaro Odoacro depôs o último Imperador romano do Ocidente, Rômulo Augusto.

Esse acontecimento marcou o fim do poder político romano no Ocidente. A partir desse momento, não havia mais um Imperador governando essa parte do antigo Império. Em seu lugar, surgiram vários reinos bárbaros, cada um governado por seus próprios líderes.

Enquanto isso, o Império Romano do Oriente, com capital em Constantinopla, continuou existindo por muitos séculos e ficou conhecido como Império Bizantino.

AS CONSEQUÊNCIAS DAS INVASÕES

As invasões bárbaras trouxeram grandes mudanças para a Europa. Uma das principais consequências foi o fim da unidade política do Império Romano do Ocidente. Em vez de um único governo, surgiram vários reinos independentes.

Outra consequência foi a transformação da vida urbana. Muitas cidades foram destruídas ou perderam importância, e a população passou a viver mais no campo. Isso contribuiu para o surgimento de uma nova forma de organização social, que mais tarde daria origem ao sistema feudal.

Apesar das dificuldades e destruições, nem tudo foi perdido. Os povos bárbaros acabaram absorvendo muitos elementos da cultura romana, como o uso do latim, as leis e até a organização da Igreja. Aos poucos, esses povos também se converteram ao Cristianismo, o que ajudou a manter uma certa unidade cultural e espiritual na Europa.

A Igreja teve um papel muito importante nesse período. Enquanto o poder político romano desaparecia no Ocidente, a Igreja permaneceu como uma instituição estável, preservando a fé, a cultura e muitos conhecimentos do mundo antigo.

CONCLUSÃO

A queda do Império Romano do Ocidente não foi apenas o fim de uma civilização, mas também o início de uma nova etapa da História. As invasões bárbaras, somadas às crises internas de Roma, levaram ao fim do antigo mundo romano e abriram caminho para a formação da Europa medieval.

Assim, desse período de dificuldades e mudanças, nasceu uma nova sociedade, que unia elementos da tradição romana, dos povos bárbaros e da fé cristã, dando origem a um novo tempo na História.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.
2. Quais foram os principais fatores internos que contribuíram para o enfraquecimento do Império Romano?
3. Quem eram os povos chamados de “bárbaros” e por que eles receberam esse nome?
4. O que aconteceu no ano de 476 d.C. e por que esse acontecimento é considerado o fim do Império Romano do Ocidente?



AULA 22

A CONVERSÃO DOS POVOS BÁRBAROS

Depois da queda do Império Romano do Ocidente, a Europa passou por um período de grande mudança. Vários povos chamados de bárbaros, ocuparam antigas terras romanas e formaram seus próprios reinos. Esses povos tinham costumes, línguas e tradições diferentes das romanas. Muitos eram guerreiros, viviam em tribos e, no início, não eram cristãos.

Alguns desses povos continuaram pagãos por bastante tempo. Outros haviam aceitado o arianismo, uma heresia que negava a plena divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso, a conversão dos bárbaros ao catolicismo foi um passo muito importante para a formação da sociedade medieval cristã.

A Igreja teve papel decisivo nesse processo. Bispos, monges, missionários e santos trabalharam com paciência, coragem e grande fé, ensinando o Evangelho a esses povos. Aos poucos, os bárbaros deixaram suas antigas crenças e passaram a fazer parte da cristandade.

A CONVERSÃO DOS SUEVOS

Na Península Ibérica, um dos primeiros povos bárbaros a se estabelecer, foi o dos suevos. Eles ocuparam a região noroeste da Península, especialmente perto de cidades, hoje, Braga e Porto. Durante muito tempo, os suevos seguiram o paganismo e depois o arianismo.

Foi então que apareceu São Martinho de Dume, conhecido como o Apóstolo dos Suevos. Ele foi um grande missionário, homem culto e santo, que trabalhou com zelo pela conversão desse povo. Estabeleceu-se em Dume, próximo de Braga, e ali desenvolveu sua atividade de evangelização e ensino.



São Martinho de Dume.

Seu trabalho deu muitos frutos. Em 559, com a subida do rei Teodomiro ao poder, os suevos se converteram ao catolicismo. Esse fato foi muito importante, porque mostrou que também os povos bárbaros podiam abandonar o erro e abraçar a verdadeira fé.

A CONVERSÃO DOS VISIGODOS

Outro povo muito importante na Península Ibérica, foram os visigodos. Eles formaram um grande reino e dominaram quase toda a região. Durante muito tempo, porém, os visigodos permaneceram arianos.

O rei Leovigildo defendia o arianismo e perseguiu os católicos. Nesse período, destacou-se São Leandro de Sevilha, que lutou com firmeza contra os erros arianos e defendeu a fé católica.

Também nessa época, viveu São Hermenegildo, filho do rei Leovigildo. Influenciado por sua esposa e por São Leandro, Hermenegildo se converteu ao catolicismo. Seu pai, indignado, mandou prendê-lo e tentou fazê-lo voltar ao arianismo. Como o príncipe permaneceu fiel à verdadeira fé, foi condenado à morte.

O martírio de São Hermenegildo não foi inútil. Pouco depois, seu irmão Recaredo, impressionado com sua firmeza e tocado pela graça de Deus, decidiu converter-se ao catolicismo. No Concílio de Toledo, Recaredo, a rainha e muitos nobres visigodos, abraçaram a fé católica. Assim, o reino visigodo deixou o arianismo e tornou-se católico.

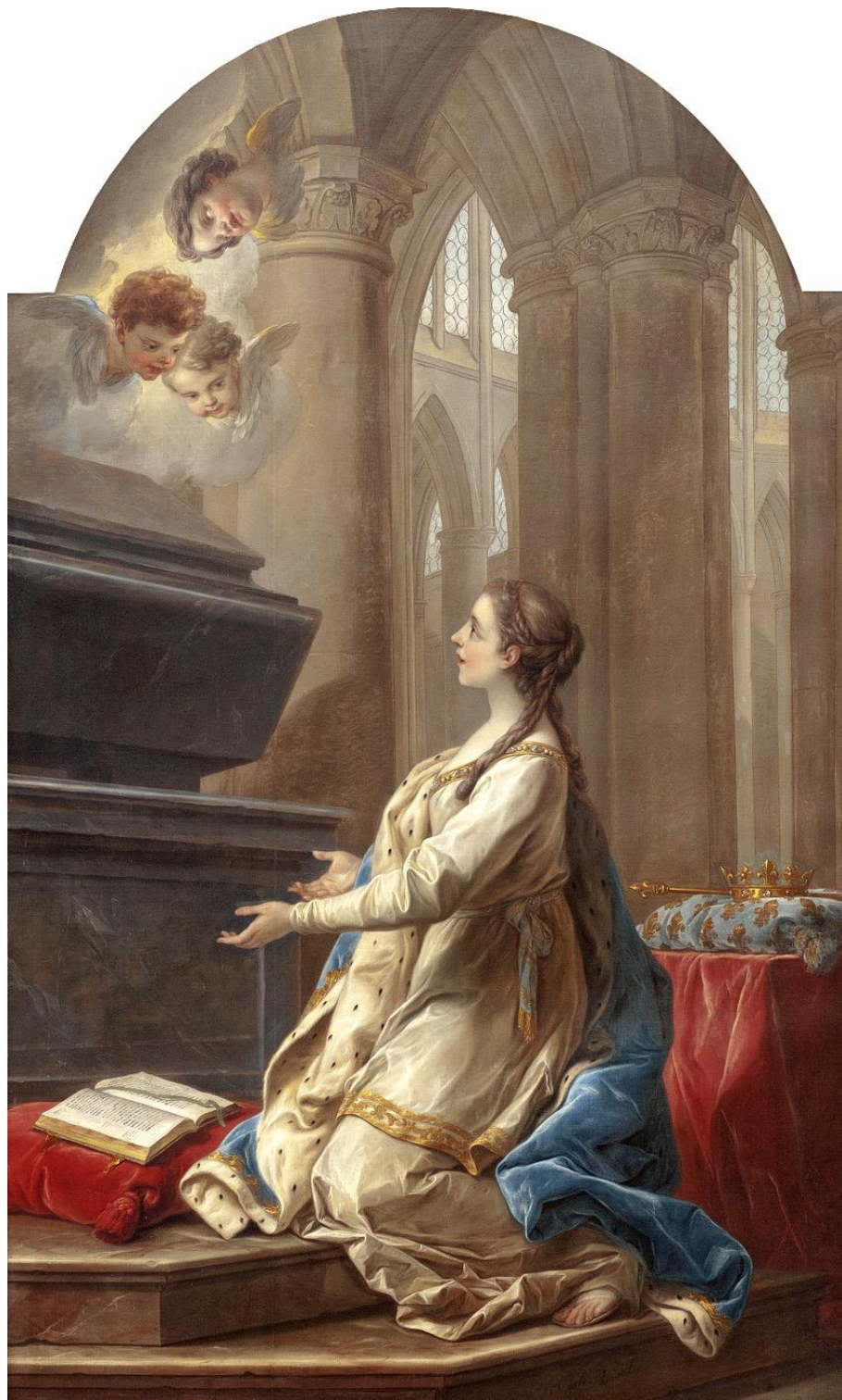
Essa conversão foi muito importante para a história da Espanha, pois ajudou a unir visigodos e hispano-romanos em uma mesma fé.



São Hermenegildo.

A CONVERSÃO DOS FRANCOS

Na antiga Gália, atual França, viviam os francos. Entre eles destacou-se o rei Clóvis, guerreiro forte, corajoso e ainda pagão. Sua esposa, Santa Clotilde, era católica e desejava, profundamente, a conversão do marido.



Santa Clotilde.

Clóvis resistiu durante muito tempo. Ele não compreendia como Cristo, sendo Deus, podia ter aceitado sofrer e morrer. Mas em uma batalha contra os alamanos, vendo-se quase derrotado, pediu ajuda ao Deus de Clotilde. Prometeu que, se vencesse, acreditaria em Cristo e receberia o batismo.

Depois da vitória, Clóvis cumpriu sua promessa. Foi instruído por São Remígio, bispo de Reims, e recebeu o batismo. No mesmo dia, muitos guerreiros francos também foram batizados.

A conversão de Clóvis teve enorme importância. Ela marcou a união entre três elementos: o mundo germânico, a tradição romana e a fé católica. Por isso, esse fato foi visto como um dos grandes fundamentos da nova civilização cristã medieval. Não por acaso, a França passou a ser chamada de Filha Primogênita da Igreja.



O Batismo de Clóvis.

A IMPORTÂNCIA DA CONVERSÃO DOS BÁRBAROS

A conversão dos povos bárbaros não foi apenas uma mudança religiosa. Ela transformou profundamente a Europa. Com o batismo desses reis e de seus povos, a Igreja ajudou a construir uma nova sociedade, agora fundada não mais sobre o antigo Império Romano, mas sobre a fé cristã.

Os bárbaros receberam a influência da cultura romana, da organização da Igreja, da moral cristã e do ensinamento dos Santos. Ao mesmo tempo, também trouxeram seus costumes, sua coragem guerreira e sua força. Dessa união nasceu, aos poucos, a civilização medieval cristã.

Assim, a conversão dos bárbaros foi um dos acontecimentos mais importantes da Idade Média. Ela ajudou a preservar a fé, a organizar os novos reinos e a formar uma nova Europa, marcada pela presença da Igreja e pelo anúncio do Evangelho.

CONCLUSÃO

A conversão dos povos bárbaros foi um acontecimento decisivo para a História da Europa e para a vida da Igreja. Mais do que mudar crenças religiosas, ela transformou costumes, fortaleceu a unidade dos povos e lançou as bases de uma nova civilização. Aos poucos, antigos povos guerreiros, antes pagãos ou arianos, passaram a fazer parte da cristandade e a viver segundo a fé católica.

Nesse processo, a Igreja exerceu uma missão fundamental. Por meio da pregação, do exemplo dos Santos, da coragem dos mártires e da ação dos missionários, ela levou o Evangelho a povos muito diferentes entre si e ajudou a formar uma sociedade mais unida, mais estável e orientada pelos ensinamentos de Cristo.

Assim, a conversão dos bárbaros mostra como a fé cristã foi capaz de iluminar um tempo de crise e desordem, fazendo surgir, das ruínas do mundo antigo, uma nova Europa marcada pela presença da Igreja, pela força do Evangelho e pelo desejo de viver segundo a verdade de Deus.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.
2. Por que a conversão dos povos bárbaros foi importante para a formação da sociedade medieval cristã?
3. Quem foi São Martinho de Dume e qual foi seu papel na conversão dos suevos?
4. O que aconteceu com São Hermenegildo e como seu testemunho influenciou a conversão dos visigodos?
5. Por que a conversão de Clóvis foi um acontecimento tão importante para a história da Europa?



AULA 26

O SURGIMENTO DO ISLAMISMO

Depois da queda do Império Romano do Ocidente, o mundo antigo passou por muitas mudanças. Na Europa surgiram vários reinos bárbaros, enquanto no Oriente continuavam existindo grandes potências, como o Império Bizantino e o Império Persa Sassânida. Entre esses dois grandes mundos ficava a Península Arábica, uma região extensa, de clima muito quente e seco, formada em grande parte por desertos.

Foi nessa região que surgiu a fé muçulmana, também chamada de islamismo.

QUEM ERAM OS POVOS DA ARÁBIA

Os povos da Arábia eram, em sua maioria, tribais. Muitos viviam como nômades no deserto e eram conhecidos como beduínos. Eles moravam em tendas, criavam camelos, cabras e ovelhas, e se deslocavam de um lugar para outro em busca de água e pastagens. Também conheciam muito bem os caminhos do deserto e, por isso, participavam do comércio em caravanas, levando produtos de uma região para outra.



Povos árabes antigos.

Além desses grupos nômades, havia, também, os habitantes das cidades, como Meca e Yatrib, mais tarde chamada Medina. Nessas cidades viviam comerciantes, artesãos e agricultores. Meca era um importante centro comercial e religioso, e Medina era uma cidade de grande movimento, por onde passavam viajantes e mercadorias.

Religiosamente, a Arábia era bastante diversa. Muitos árabes seguiam antigos cultos politeístas, isto é, acreditavam em vários deuses e prestavam culto a pedras, astros, forças da natureza e ídolos. Também havia na região grupos judeus, cristãos e alguns grupos heréticos.

O SURGIMENTO DE MAOMÉ



Maomé.

Foi nesse contexto que apareceu Maomé, figura central do Islamismo. Ele nasceu por volta do ano 570, em Meca. Ainda jovem, Maomé viveu dificuldades, tornou-se órfão e trabalhou em caravanas. Por causa desse trabalho, teve contato com muitos povos e religiões diferentes.

Mais tarde, passou a afirmar que havia recebido revelações de Deus, chamado em árabe de Alá. Segundo Maomé, havia um só Deus verdadeiro, e os homens deviam abandonar os ídolos e submeter-se inteiramente a Ele. Daí vem a palavra Islã, que significa submissão. Seus seguidores passaram a ser chamados de muçulmanos, isto é, aqueles que se submetem a Deus. Porém, ele não acreditava em Jesus Cristo como o Messias, o Filho de Deus.

No começo, Maomé pregou entre os parentes e amigos mais próximos. Depois começou a anunciar publicamente sua mensagem em Meca, condenando o politeísmo e a idolatria. Isso provocou forte oposição dos poderosos comerciantes da cidade, que temiam perder influência religiosa e econômica.

A HÉGIRA E A ORGANIZAÇÃO DA NOVA RELIGIÃO

Perseguido em Meca, Maomé deixou a cidade e foi para Yatrib, que depois ficou conhecida como Medina. Essa saída, ocorrida em 622, ficou conhecida como Hégira e é considerada o marco inicial do calendário islâmico.

Em Medina, Maomé não apenas continuou pregando, mas, também, organizou uma comunidade religiosa e política. Aos poucos, seus seguidores cresceram em número e força. A nova religião passou a unir a fé com a vida social, política e militar.

Depois de alguns anos, Maomé conseguiu reunir forças suficientes para voltar a Meca. Em 630, conquistou a cidade, fazendo dela o centro do culto ao Deus único. Com isso, grande parte das tribos árabes passou a aceitar o Islamismo.

A JIHAD E A EXPANSÃO DO ISLAMISMO

Um elemento importante do Islamismo é a ideia de jihad, que pode ser entendida de diferentes formas. Em um sentido mais amplo, significa um esforço ou luta em favor da fé. Porém, nos primeiros tempos do Islamismo, também esteve ligada à expansão da religião.

Após a morte de Maomé, seus sucessores (os califas) passaram a liderar os muçulmanos não apenas espiritualmente, mas também militarmente. Nesse contexto, a jihad foi muitas vezes entendida como uma luta para defender e expandir o islamismo, inclusive por meio de conquistas militares.



Guerreiros omíadas do exército islâmico que conquistou a Hispânia visigótica no início do século VIII, liderados pelo general Tarique. Da esquerda para a direita: um berbere, um árabe e um copta egípcio.

Assim, os exércitos muçulmanos avançaram rapidamente, conquistando territórios e levando sua fé a outros povos. Em muitos casos, os povos conquistados podiam continuar com suas crenças, mas ficavam submetidos ao domínio islâmico. Em outros casos, cristãos e judeus conquistados eram obrigados a aceitar o Islamismo e abandonar os seus costumes.

A RÁPIDA EXPANSÃO DOS POVOS MUÇULMANOS

Unidos por uma mesma religião e liderança, os povos árabes passaram de tribos dispersas a uma força organizada. Em poucas décadas, conquistaram vastas regiões:

- Oriente Médio
- Norte da África
- Partes da Ásia
- E chegaram até a Europa, como na Península Ibérica

Essa expansão foi favorecida tanto pela organização dos muçulmanos quanto pelo enfraquecimento dos impérios vizinhos.

CONCLUSÃO

O surgimento do Islamismo foi um dos acontecimentos mais marcantes da Idade Média. Ele nasceu em um ambiente de diversidade religiosa e dificuldades naturais, mas rapidamente se transformou em uma força religiosa, política e militar.

A união entre fé e expansão territorial, incluindo a ideia de jihad, ajudou a explicar o crescimento rápido dessa nova civilização, que deixou marcas profundas na história do Oriente, da África e da Europa.

Por isso, compreender o surgimento do Islamismo ajuda a entender melhor não só o mundo árabe, mas, também, muitos dos conflitos, encontros e transformações que marcaram a Idade Média.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.
2. Como era o contexto da Península Arábica antes do surgimento do Islamismo?
3. Quem foi Maomé e qual foi a principal mensagem por ele pregada?
4. O que foi a Hégira e por que ela é um marco importante para a religião islâmica?
5. Quais fatores ajudaram na rápida expansão do Islamismo após a morte de Maomé?



AULA 30

AS GRANDES NAVEGAÇÕES



s Grandes Navegações, também chamada de Expansão Marítima, foram um conjunto de viagens e explorações realizadas pelos europeus, principalmente entre os séculos XV e XVI, pelos mares e oceanos. Esse movimento marcou profundamente a História, não apenas por ampliar o conhecimento geográfico e criar novas rotas de comércio, mas, também, por unir diferentes povos e abrir caminho para transformações políticas, culturais e religiosas em várias partes do mundo.



Caravelas.

Essas viagens não surgiram de forma repentina. Elas foram resultado de um longo processo de mudanças que vinham acontecendo na Europa desde o final da Idade Média, envolvendo o fortalecimento dos reinos, o crescimento do comércio e um forte espírito de expansão.

O CONTEXTO DAS GRANDES NAVEGAÇÕES

Naquele período, a Europa passava por transformações importantes. Depois de séculos marcados por guerras e instabilidade, alguns reinos começaram a se fortalecer, especialmente Portugal e Espanha, que haviam passado por longas lutas contra os muçulmanos na Península Ibérica. Essas guerras, conhecidas como Reconquista, não tinham apenas caráter territorial, mas também religioso, o que manteve viva a ideia de defender e expandir a fé cristã.

Ao mesmo tempo, o comércio europeu estava em crescimento. Produtos vindos do Oriente, como especiarias, seda e pedras preciosas, eram muito valorizados. No entanto, o acesso a essas riquezas era difícil, caro e dependia de rotas longas, controladas por vários povos intermediários.



Queda de Constantinopla.

Um acontecimento decisivo agravou essa situação: a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, em 1453. Essa cidade era um ponto fundamental de ligação entre o Oriente e o Ocidente, e sua conquista marcou o fim da Idade Média. A partir desse momento, o controle das rotas comerciais passou a ficar mais restrito, tornando o comércio ainda mais caro e complicado para os europeus. Isso incentivou fortemente a busca por novos caminhos, especialmente pelo mar.

Além disso, começavam a surgir Estados mais organizados, com reis capazes de reunir recursos, financiar expedições e sustentar projetos de longo prazo. Sem essa organização política, dificilmente as Grandes Navegações teriam sido possíveis.

OS MOTIVOS DAS NAVEGAÇÕES

Vários fatores levaram os europeus a se lançar ao mar, e eles estavam profundamente ligados entre si.

Um dos principais era o desejo de encontrar uma nova rota para as Índias e para o Oriente, permitindo o acesso direto às regiões produtoras de especiarias sem depender das antigas rotas controladas por outros povos. Isso representava não apenas uma vantagem econômica, mas, também, maior independência e poder.

Havia, também, o espírito de expansão dos reinos europeus. Naquele tempo, conquistar novas terras, ampliar territórios e aumentar a influência política eram sinais claros de força e prestígio.

Outro elemento muito importante era o religioso. Muitos governantes e navegadores viam essas viagens como uma oportunidade de levar a fé cristã a povos que ainda não a conheciam. Na mentalidade da época, navegar não era apenas buscar riquezas, mas também cumprir uma missão: anunciar Cristo e levar a mensagem da salvação a toda a humanidade.

Além disso, havia o desejo pessoal de aventura, honra e reconhecimento. Muitos homens se lançavam ao mar esperando melhorar sua condição de vida e conquistar prestígio.

Por fim, tudo isso só foi possível graças aos avanços técnicos. O aperfeiçoamento das caravelas, o uso da bússola, do astrolábio, dos mapas e o maior conhecimento dos ventos e correntes, permitiu enfrentar viagens mais longas e perigosas com maior segurança.



Astrolábio.

O VERDADEIRO SENTIDO DAS GRANDES NAVEGAÇÕES

Embora muitas vezes se destaque apenas o aspecto econômico, as Grandes Navegações não podem ser entendidas apenas como uma busca por riquezas.

Na mentalidade dos reis cristãos da época, havia um objetivo mais alto: levar a fé a outros povos. Em Portugal, por exemplo, era comum a expressão “dilatar a fé e o império”, o que mostra como a expansão territorial e a expansão religiosa estavam profundamente ligadas.

Assim, as navegações reuniam vários interesses ao mesmo tempo: econômicos, políticos, culturais e religiosos. Não se tratava apenas de descobrir novas terras, mas de ampliar o alcance da civilização europeia e, sobretudo, da fé cristã.

PORTUGAL E O PIONEIRISMO MARÍTIMO



Portugal foi o grande pioneiro das Grandes Navegações. Isso se deve a vários fatores.

Sua posição geográfica favorecia o contato com o oceano, e o país já possuía experiência com navegação e pesca. Além disso, o reino português era relativamente estável e unificado, o que permitia ao rei apoiar expedições com continuidade.

Os portugueses também desenvolveram importantes conhecimentos náuticos, aperfeiçoando embarcações como a caravela e investindo em estudos de navegação e cartografia.

Outro elemento essencial foi o espírito da Reconquista. Depois de séculos de luta, permaneceu o desejo de expansão e de defesa da fé. Quando já não havia muito território a conquistar em terra, o mar passou a ser visto como um novo campo de ação.

Assim, Portugal iniciou suas explorações pela costa da África, avançando pouco a pouco até encontrar o caminho marítimo para o Oriente.

A PARTICIPAÇÃO DA ESPANHA

A Espanha iniciou sua participação um pouco mais tarde, pois ainda estava envolvida na Reconquista. Somente após a conquista de Granada, em 1492, os reis puderam voltar sua atenção para o mar.

Nesse mesmo ano, Cristóvão Colombo, com apoio da coroa espanhola, atravessou o Atlântico e chegou à América, acreditando ter alcançado o Oriente. Esse acontecimento marcou o início da expansão marítima espanhola, que se tornaria uma das mais importantes da época.

Assim como em Portugal, também na Espanha havia um forte ideal religioso, e a expansão foi acompanhada pelo envio de missionários e pela intenção de evangelizar os povos encontrados.

OUTROS PAÍSES E A EXPANSÃO POSTERIOR

Com o passar do tempo, outros países europeus, também passaram a participar das navegações, como Inglaterra, França e Holanda. Esses países entraram com mais força em um segundo momento, quando as rotas já estavam mais conhecidas e o comércio ultramarino mostrava grandes possibilidades de lucro.

CONCLUSÃO

As Grandes Navegações foram um dos momentos mais importantes da História. Elas transformaram o comércio, ampliaram o contato entre continentes e mudaram profundamente o rumo do mundo.

Mais do que simples viagens, elas foram resultado de um conjunto de fatores econômicos, políticos, técnicos e religiosos. Para muitos de seus protagonistas, especialmente os reis cristãos, essas expedições também tinham um sentido mais elevado: levar a fé a novos povos e fazer com que a mensagem de Cristo alcançasse toda a humanidade.

Assim, as Grandes Navegações podem ser compreendidas como um grande movimento de expansão que uniu interesses materiais e espirituais, marcando o início de uma nova etapa na história do mundo.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.
2. Quais foram os principais fatores que levaram os europeus a iniciar as Grandes Navegações?

3. Por que a tomada de Constantinopla em 1453 incentivou a busca por novas rotas marítimas?
4. Por que Portugal foi o país pioneiro nesse processo de expansão marítima?



AULA 34

PEDRO ÁLVARES CABRAL E O DESCOBRIMENTO DO BRASIL



edro Álvares Cabral foi o navegador português que comandou a expedição que chegou às terras do Brasil no ano de 1500. Por isso, seu nome ficou ligado para sempre à história do nosso país. Mais do que apenas um navegador, Cabral era um nobre português, educado na corte e escolhido pela Coroa para uma missão de grande importância: seguir pelo oceano em direção às Índias, fortalecendo o comércio e o poder de Portugal.



Pedro Álvares Cabral.

QUEM FOI PEDRO ÁLVARES CABRAL

Pedro Álvares Cabral nasceu em 1467, em Belmonte, em Portugal, em uma família nobre e respeitada. Sua família era conhecida por sua atuação nas lutas contra mouros e castelhanos, e, por isso, Cabral cresceu em um ambiente ligado à fidelidade ao reino e ao serviço militar.

Ainda jovem, foi enviado para a corte portuguesa, onde recebeu uma formação própria da nobreza. Estudou letras, história, técnicas militares e conhecimentos importantes para a vida pública. Mais tarde, durante o reinado de Dom Manuel I, Cabral recebeu títulos importantes, como o de fidalgo do Conselho do Rei e cavaleiro da Ordem de Cristo.

Essa ligação com a Ordem de Cristo também é importante. A Ordem de Cristo teve grande participação nas navegações portuguesas, e sua cruz aparecia nas velas das embarcações. Assim, as viagens de Portugal não tinham apenas interesse comercial e político, mas também estavam ligadas ao espírito religioso e missionário daquela época.

A MISSÃO DE CABRAL

Em 1499, Dom Manuel I escolheu Pedro Álvares Cabral para comandar uma grande armada rumo às Índias. O objetivo principal da viagem era continuar a rota marítima aberta por Vasco da Gama, fortalecer o comércio das especiarias e ampliar a presença portuguesa no Oriente.

Cabral recebeu o comando de uma frota numerosa, composta por naus e caravelas, com cerca de 1.500 homens. Entre eles havia marinheiros, soldados, religiosos, escravos e outros homens importantes. A presença de padres na viagem mostra que essas expedições também eram vistas como ocasiões para levar a fé católica a novas terras.

No dia 9 de março de 1500, a frota partiu de Lisboa em meio a uma grande cerimônia, com Missa, presença do rei e da corte. Era uma saída solene, pois se tratava de uma missão muito importante para Portugal.

A VIAGEM PELO ATLÂNTICO

A travessia não foi fácil. As embarcações enfrentaram as dificuldades normais das grandes navegações: tempestades, calmarias, calor, pouca higiene, alimentação limitada e o constante perigo do mar. Em certos momentos, o oceano era violento; em outros, ficava parado demais, o que também era ruim, pois os navios dependiam dos ventos para avançar.

Durante o percurso, a frota se afastou bastante da costa africana em direção ao alto mar. Foi nesse contexto que, no dia 22 de abril de 1500, os navegadores avistaram terra.



O descobrimento do Brasil em 22 de abril de 1500.

A CHEGADA AO BRASIL

A primeira terra avistada foi um monte, que recebeu o nome de Monte Pascoal, porque a chegada aconteceu no tempo da Páscoa. Pouco depois, a frota ancorou em um lugar que passou a ser chamado de Porto Seguro, na região do atual estado da Bahia.

Cabral e seus homens perceberam que haviam encontrado uma terra nova. Num primeiro momento, essa terra recebeu o nome de Ilha de Vera Cruz, e depois Terra de Santa Cruz.

Esse momento marcou o descobrimento do Brasil para os portugueses. Foi o encontro entre dois mundos que até então não se conheciam: de um lado, os navegadores europeus; de outro, os povos indígenas que já habitavam essas terras.

O PRIMEIRO CONTATO COM OS INDÍGENAS

O primeiro contato entre portugueses e indígenas parece ter acontecido de forma relativamente pacífica. Houve curiosidade, espanto e observação de ambos os lados. Os portugueses viram homens com costumes, aparência e modo de vida diferentes dos seus; os indígenas também se depararam com homens, roupas, armas, navios e objetos que nunca tinham visto.

As trocas começaram por meio do escambo, isto é, a troca de objetos sem uso de dinheiro. Os portugueses ofereciam itens como espelhos, facas e outros utensílios, enquanto os indígenas entregavam produtos da terra, especialmente o pau-brasil, que depois se tornaria muito valorizado.

É importante lembrar que esse foi o primeiro contato. Nesse momento inicial, a relação foi marcada mais pela surpresa e pela curiosidade do que pela violência.

A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

Um dos acontecimentos mais importantes dessa chegada, foi a celebração da primeira Missa em território brasileiro. Ela foi celebrada por frei Henrique de Coimbra, poucos dias depois da chegada dos portugueses.

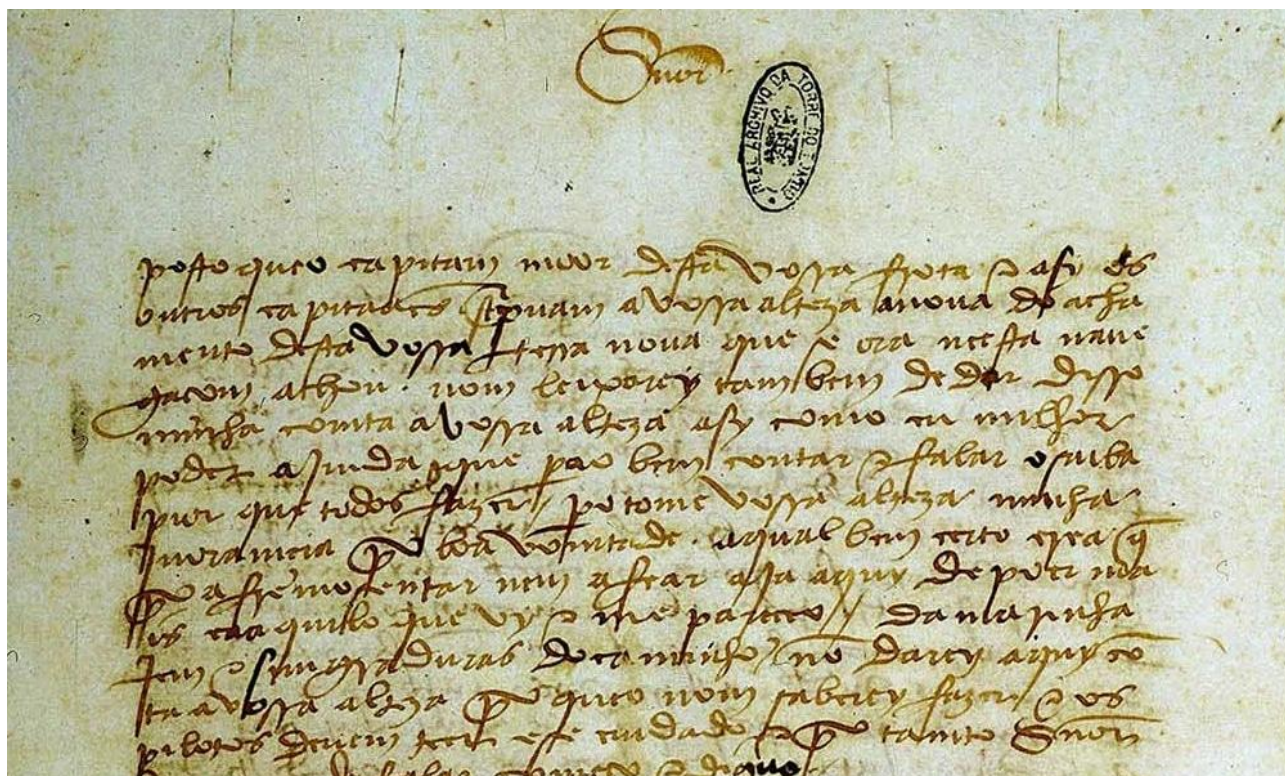


Essa Missa teve um grande valor simbólico. Ela mostrava que, para os portugueses, aquela nova terra era colocada sob a proteção de Deus. Também expressava o caráter religioso da viagem, que não era vista apenas como uma expedição comercial, mas também como parte da expansão da cristandade.

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Outro fato muito importante foi a carta escrita por Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota. Nela, ele relatou ao rei de Portugal como era a nova terra, como foi o primeiro contato com os indígenas e o que os portugueses viram ao chegar.

Essa carta é considerada o primeiro grande documento da história do Brasil, porque registra por escrito as impressões da chegada portuguesa. Por meio dela, sabemos muitos detalhes sobre esse primeiro encontro.



CABRAL SEGUE VIAGEM PARA AS ÍNDIAS

Depois de alguns dias nas novas terras, Cabral decidiu continuar sua missão principal. Assim, deixou parte do registro da descoberta para ser levada ao rei de Portugal e retomou a viagem em direção às Índias.

A frota seguiu então para o litoral africano e, depois, para o oceano Índico. A viagem continuou sendo difícil. Próximo ao Cabo da Boa Esperança, uma tempestade destruiu algumas embarcações, entre elas a de Bartolomeu Dias, que morreu nesse naufrágio.

Mesmo com perdas, Cabral conseguiu chegar à Índia, onde estabeleceu contatos comerciais e fortaleceu a presença portuguesa. Isso mostra que sua viagem foi importante não apenas pelo descobrimento do Brasil, mas também pelo avanço do projeto marítimo de Portugal.

O RETORNO E OS ÚLTIMOS ANOS

Cabral voltou a Portugal em 1501. Apesar da importância de sua viagem, ele não recebeu depois o mesmo destaque que poderia ter recebido. Em outra expedição importante ao Oriente, por exemplo, o comando foi novamente entregue a Vasco da Gama.

Cabral então se afastou pouco a pouco da vida pública. Casou-se, teve filhos e viveu em Portugal até sua morte, em 1520, na cidade de Santarém.

A IMPORTÂNCIA DE PEDRO ÁLVARES CABRAL

Pedro Álvares Cabral ocupa um lugar central na história porque foi o comandante da expedição que levou os portugueses ao Brasil. Seu nome está ligado ao início da presença portuguesa em nossas terras e, portanto, ao começo da história do Brasil e da expansão marítima europeia.

Sua viagem não teve importância apenas para Portugal, mas também para a formação do território, da cultura e da história brasileira. A partir daquela chegada em 1500, iniciou-se um novo capítulo, que mudaria profundamente a vida desta terra e de seus habitantes.

CONCLUSÃO

Pedro Álvares Cabral foi um navegador português, nobre e cavaleiro da Ordem de Cristo, escolhido para comandar uma grande expedição rumo às Índias. Durante essa viagem, em 22 de abril de 1500, sua frota chegou às terras do atual Brasil, marcando o descobrimento de nosso país para os portugueses.

A chegada de Cabral foi um acontecimento histórico de enorme importância. Ela representou o encontro entre europeus e indígenas, o início da presença portuguesa na América e a abertura do caminho para a história do Brasil. Por isso, Cabral é lembrado como uma das figuras mais importantes das Grandes Navegações e da formação do mundo moderno.

ATIVIDADES

1. Explique o que entendeu para alguém de sua família ou para um amigo.
2. Qual era a principal missão de Pedro Álvares Cabral ao sair de Portugal e por que a chegada ao Brasil aconteceu durante essa viagem?
3. Como foi o primeiro contato entre os portugueses e os povos indígenas e o que marcou esse encontro?
4. Além do descobrimento do Brasil, por que a viagem de Cabral também foi importante para o projeto marítimo de Portugal?